



Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social.

Sub-eixo: Trabalho, direitos e lutas de classes.

O IMPERIALISMO NO CENTRO DO DEBATE: NOTAS SOBRE AS TEORIAS DE KAUTSKY E LÊNIN

RAFAEL ARLEY GOMES DA SILVA ALMEIDA¹
ANA MARIA MOURA ARAUJO²
FRANQUELINE TERTO DOS SANTOS³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar o debate acerca das teorias do Imperialismo, formuladas por Karl Kautsky e Vladimir Lênin. Expõe as características do imperialismo a partir da concepção leniniana – enquanto um estágio específico do capitalismo – e a constituição do conceito de ultraimperialismo elaborada por Karl Kautsky. Posteriormente, elenca os elementos da crítica de Lênin ao reformismo de Kautsky, a partir da interpretação do Imperialismo enquanto fase superior do capitalismo e a necessidade da superação deste modo de produção via revolução socialista.

Palavras-chave: Imperialismo; Ultraimperialismo; Revolução.

Abstract: This article has as objective to present the debate about theories of imperialism formulated by Karl Kautsky and Vladimir Lenin. Intends to expose the features of imperialism while specific policy of capitalism and the establishment of the concept of do ultraimperialismo by Karl Kautsky. Subsequently, plans to list the elements of criticism of Lenin to the reformism of Kautsky, from the interpretation of imperialism while superior phase of capitalism and the necessity of overcoming of this mode of production via socialist revolution.

Keywords: Imperialism; Ultraimperialism; Revolution.

1. INTRODUÇÃO

A discussão acerca da construção social, econômica e política do Imperialismo no mundo moderno é fruto de intensos debates desde o final do século XIX e, principalmente, nas primeiras décadas do século XX, com estudos efetivos sobre o tema. Partindo das novas transformações estruturais do capitalismo, com vistas à sua face monopolista, buscou-se compreender o fenômeno que originou o recrudescimento do colonialismo e,

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Alagoas.

² Estudante de Graduação. Universidade Federal de Alagoas. E-mail: <ana.moura.araujo@gmail.com>

³ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal de Alagoas.

consequentemente, o surgimento de novos impérios coloniais no globo. Neste artigo, apresentaremos a tese leniniana do imperialismo e os principais aspectos do polêmico debate de Lênin com Karl Kautsky. Os resultados dessa polêmica entre Lênin e Kautsky são discutidos até os dias atuais, dada a relevância de suas elaborações.

Iniciaremos com o estudo de Karl Kautsky que, em 1913, escreveu o artigo *O imperialismo*. Neste estudo concebia as bases do imperialismo, como resultado da separação da indústria e agricultura e enquanto uma política específica do capitalismo. Percebia, porém, que esta política, mediante ao seu ímpeto permanente da conquista de novos territórios, traria consequências drásticas à humanidade através da tendência ao conflito bélico. Kautsky propunha a construção de um consenso entre as potências mundiais, união que denominou ultraimperialismo. O ultraimperialismo, em substituição ao imperialismo, teria como tarefa a construção de um bloco de poder entre as grandes nações que mediaría as disputas territoriais e promoveria a paz entre as potências no mundo.

Em 1916, Lênin publica o livro *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Na referida obra, com base no surgimento do capital financeiro decorrente da fusão do capital industrial com o capital bancário, o autor constrói sua tese de que o imperialismo seria a fase superior do capitalismo, ou seja, a fase de maior aprofundamento de suas determinações e contradições. Isto é, concebe que a partir do capitalismo dos monopólios, chegaria ao fim a fase progressista do modo de produção do capitalismo enquanto agente do desenvolvimento das forças produtivas a serviço da humanidade. Em desacordo com Kautsky, Lênin rejeitava a análise do imperialismo enquanto política e repudiava a proposta reformista do ultraimperialismo. Para Lênin, a partir do imperialismo as contradições do desenvolvimento do capital postariam as condições para sua própria superação. Esta superação só poderia ser efetivada através da revolução socialista mundial.

2. A ANÁLISE KAUTSKYANA DO IMPERIALISMO

Os primeiros intérpretes do imperialismo concebiam este fenômeno a partir da investigação da expansão colonial no final do século XIX. Karl Kautsky inicia sua obra *O Imperialismo* (1913) revelando certo desconforto com estas definições anteriores ao caracterizá-las como insuficientes. Para Kautsky, se as expansões coloniais fossem o elemento determinante do imperialismo, ele não poderia ser caracterizado como um fenômeno recente, mas seria “velho como o mundo”. Se a expansão colonial e a anexação de novos territórios, por si só, não definem o imperialismo, o que seria, então, o elemento crucial na definição do fenômeno? Kautsky responde: “o imperialismo é um produto do capitalismo industrial altamente desenvolvido. Consiste no impulso de todas as nações capitalistas industriais a submeter e anexar regiões agrárias cada vez mais vastas, independente da nacionalidade dos povos que habitam” (2002a, p.444).

A relação entre a agricultura e a indústria consiste em o elemento que evidencia a especificidade histórica do capitalismo, a partir do final do século XIX. Mas, para compreender este processo de interação entre indústria e agricultura, Kautsky indica a necessidade de discutir a separação originária entre estes setores. Em sua análise, o autor relata as atividades mercantis simples, ou seja, as atividades comerciais em que o trabalhador possui tanto os meios de produção quanto os meios para a comercialização das mercadorias. Trata-se das atividades em que o trabalhador tem a posse tanto dos meios de produção, quanto dos produtos finais, dirigindo todo o processo produtivo. Sobre este processo de separação entre os setores agrícola e industrial, o autor explica que

(...) a atividade industrial constituía um momento da atividade agrícola. Era exercida no interior do estabelecimento agrícola, ou melhor, existia um único organismo econômico, de natureza tanto industrial, quanto agrícola, que produzia meios de subsistência e matéria prima, por sua vez transformada em meios de produção e de consumo. Já era possível, no entanto, uma divisão do trabalho entre os membros individuais do estabelecimento. Alguns podiam se dedicar preferencialmente à pecuária, outros à agricultura, outros à fiação e tecelagem, outros ainda a trabalhar madeira e metais para fabricação de utensílios de trabalho etc. Essa divisão do trabalho, entretanto, permanece dentro de limites restritos e intransponíveis, a menos que o estabelecimento amplie a sua dimensão e número de seus agregados. Nesse caso, a divisão do trabalho pode estender-se rapidamente e propiciar vantagens econômicas, se produtores

individuais, como trabalhadores em matérias-primas, saem do estabelecimento, dos quais obtém em troca matérias-primas e meios de subsistência (KAUTSKY, 2002a, p. 447).

Como se observa, a divisão do trabalho gesta a separação entre indústria e agricultura. Porém, essa separação implica, necessariamente, que os laços de interação entre os dois setores sejam mantidos. No entanto, Kautsky observa determinada dependência do setor industrial ao setor agrícola, pois para que o setor industrial possa produzir é imprescindível que o setor agrícola tenha condições para que possa fornecer seus produtos. Este movimento revela a competência vital da agricultura sobre o processo produtivo mercantil. Esta relação de dependência, à medida que se complexifica, ocasiona um descompasso, como revela Kautsky. O desenvolvimento desta relação só poderia obter equilíbrio, em tese, se durante todo o tempo conseguisse obter proporções estreitas entre produtos agrícolas e produtos industriais, já que esses dois setores apresentam mútuas relações seja no fornecimento, seja no consumo de matérias-primas e meios de subsistência. Vale destacar que tratamos aqui de relações mercantis simples, portanto, para que os produtores industriais (artesãos) tenham condições de adquirirem matéria-prima e meios de subsistência, é necessário que os produtores agrícolas (camponeses) sejam consumidores de seus produtos industriais. Para que haja proporcionalidade nessa relação, que se efetiva com base na lei do valor, os camponeses precisam adquirir uma quantidade de produtos industriais num valor semelhante à quantidade de produtos agrícolas que é fornecida e consumida pelos artesãos. Este processo só pode ser concretizado se estiver assegurada a condição de igualdade e de liberdade entre ambos os setores. Por outro lado, Kautsky pondera que o fato da agricultura se tornar crucial na relação comercial com a indústria aumenta o grau de responsabilidade deste setor na tendência ao descompasso na relação indústria/agricultura. Os problemas específicos do setor agrícola, como: falta de mão de obra por conta da urbanização, disponibilidade de terras etc. permite que haja a tendência a expansão industrial. Sobre estas dificuldades específicas do setor agrícola e sobre como isto gera, conseqüentemente, um descompasso na relação com a indústria, Marisa Amaral comenta que

a indústria adquire condições mais amplas de aumentar seu nível de produtividade e isto tem efeito com a ampliação da exigência de produtos agrícolas necessário para por em andamento a produção industrial, resulta daí – isto é, do fato de a produção agrícola não se apresentar como uma cauda, ou como um rastro da produção industrial, mas, ao contrário, por ser independentemente desta, e por fazê-lo em uma velocidade e/ou em uma intensidade mais reduzida – uma tendência entre o permanente desequilíbrio entre o produto de ambos os setores, de modo que a agricultura passa a oferecer mercadorias sempre em quantidade inferior àquela exigida pela indústria, o que produz a crise como resultado imediato. (AMARAL, 2012, p. 34)

Em suma, a indústria consegue se desenvolver mais facilmente por exigir mais do setor agrícola. Apesar da relativa dependência, o setor agrícola sempre apresenta descompasso em relação ao setor industrial, já que os problemas mencionados fazem com que haja produção em velocidades distintas, causando desequilíbrio entre os setores e resultando em crise. Em contraste à relação entre a indústria e a agricultura no contexto da produção mercantil, na produção capitalista, em virtude do advento do sistema de trabalho assalariado, a produção industrial se expande e se intensifica. Neste sistema, diferentemente da manufatura, o capitalista não participa diretamente da produção e não necessita que haja equivalência entre sua produção e a de outrem. Pelo contrário, ele necessita e defende que outras pessoas trabalhem para ele em troca de salário, e sabe que quanto maior o tempo de trabalho excedente, maior será seu lucro; quanto maior a quantidade de trabalhadores em suas fábricas, maior será o lucro. Por outro lado, para que o capitalista comporte o aumento da quantidade de trabalhadores em seu estabelecimento deverá aplicar parte de seus lucros em investimentos de ordem material e técnicas, ou seja, este capitalista deverá desenvolver as condições objetivas dos meios de produção para que seu lucro seja ampliado. De modo oposto, a amplitude da possibilidade da acumulação no contexto da produção agrícola não acompanha o ritmo industrial.

A concorrência industrial pressiona o capitalista a avançar na ampliação da acumulação de capital. Embora o setor industrial, à medida que avança o capitalismo, se diferencie do setor agrícola, fica evidente que o sucesso de sua produção depende necessariamente dos resultados obtido na agricultura. De

modo que a “acumulação capitalista na indústria só pode avançar e desenvolver-se livremente se ampliar constantemente a área agrícola, que lhe abastece e para qual destina seus produtos” (KAUTSKY, 2002a, 455). Desta forma, os abalos decorrentes da interação entre agricultura e indústria e sua crescente diferenciação no processo de acumulação de capital, no capitalismo moderno, engendrou a necessidade de obter cada vez mais territórios agrários. Logo, é a interação entre setores agrícolas e industriais, a partir da relação de trocas mútuas, e a tendência ao descompasso entre eles, que para Kautsky definira a urgência do imperialismo.

2.1. O ultraimperialismo de Kautsky

Kautsky partia do pressuposto de que a tendência ao desenvolvimento mais acentuado da indústria, se comparado ao setor agrícola, atinge maior intensidade com o advento do capitalismo moderno. E o resultado deste descompasso nas proporções de crescimento econômico destes setores impulsiona a ampliação do território agrícola em busca de matéria-prima e meios de subsistência para serem fornecidos à indústria, e de mercados para suas mercadorias. Estas seriam, então, as bases para a constituição do imperialismo. No entanto, para Kautsky, ainda que a ampliação de territórios agrícolas e a busca por mercados para consumo de mercadorias excedente se configurassem como tendências do capitalismo moderno e fenômenos referentes ao imperialismo, não seria possível afirmar que este último se tratava de um elemento indispensável para o capitalismo. Desse modo, Kautsky começaria a construir sua tese de que o imperialismo, na verdade, trata-se de uma política do capitalismo e que, portanto, enquanto tal, tinha caráter restritamente opcional. O autor defende que, assim como o liberalismo tratou-se de um momento específico do capitalismo, o imperialismo também teria caráter passageiro.

Não basta na verdade ter demonstrado que essa tendência representa uma condição vital do capitalismo para provar que

qualquer uma de suas formas representa uma necessidade inelutável para o modo de produção capitalista. [...] uma forma particular dessa tendência é o imperialismo, que foi precedido por outra forma, o liberalismo, considerado, meio século atrás, como a última palavra do capitalismo, assim como se faz hoje com o capitalismo. (KAUTSKY, 2002a, p. 456).

Na comparação do imperialismo com o liberalismo inglês, Kautsky tece considerações sobre o papel do Estado na evolução e posteriormente na rejeição do livre comércio e, decorrente do confronto entre estados nacionais industriais e agrícolas, analisa a tendência à industrialização das economias agrícolas.

Para conservar ou conquistar a independência e a autonomia nacionais, todos os países da área de circulação capitalistas estão forçados necessariamente a constituir uma grande indústria nacional, relativamente capitalista, que é a segunda condição. A ampliação progressiva da colocação dos produtos industriais estrangeiros no Estado agrário cria, por si só, uma série de condições para isso, uma vez que destrói a indústria pré-capitalista local e torna disponível para o capital, como operários assalariados, a força de trabalho. Esses trabalhadores, se não encontram emprego em sua pátria, emigram para outros países mais industrializados, embora, em geral, prefiram permanecer no próprio país, permitindo assim construir as bases de uma indústria capitalista. O próprio capital estrangeiro afluí para o país agrário, primeiro para abrir mercado com a construção de ferrovias, depois para desenvolver a produção de matéria-prima, não somente na agricultura, mas também no setor extrativista em geral. Desse modo, abre-se o caminho para a proliferação da indústria capitalista. Até que ponto é possível desenvolver uma indústria capitalista autônoma depende principalmente da força política do estado. (KAUTSKY, 2002a, p. 457).

Dito isso, Kautsky (2002^a, p.459) indaga: “representa o imperialismo a última forma fenomênica possível da política mundial capitalista, ou ainda é possível outra? ”. Para elucidar a esta questão, o autor revela que além destes elementos, há outro a ser elencado. Trata-se do fato que a tendência à anexação de territórios agrários gerou competição desenfreada entre as nações industriais. Esta competição se transformava em corrida armamentista, com vistas à possibilidade iminente de guerras. A partir disto, Kautsky (2002a, p.460) indagava-se novamente: “será que também aqui [na iminência da

guerra] o imperialismo é uma necessidade para sobrevivência do capitalismo, só podendo ser superado com a superação do próprio capitalismo”?

A resposta de Kautsky para essa questão era negativa. Para ele, a possibilidade da guerra seria uma ameaça para o próprio sistema capitalista. Além disto, do ponto de vista econômico, não seria nem um pouco viável que a produção bélica prosseguisse. Assim, o imperialismo teria um caráter transitório e a proposta de Kautsky para resolução do imperialismo e seu ímpeto ao conflito bélico seria o ultraimperialismo, a união entre as potências capitalistas, necessária para salvar o capitalismo dos próprios capitalistas.

Do ponto de vista puramente econômico, portanto, não se pode excluir a possibilidade de que o capitalismo viva uma nova fase. Nesta nova fase a política dos cartéis se transfere para a política externa, uma fase ultraimperialista que, naturalmente, devemos combater com a mesma energia com que combatemos o imperialismo, mas cujos perigos estarão em outra parte. Não na corrida armamentista nem na ameaça à paz mundial. “(...) quanto mais durar a guerra e quanto mais exaurir todos os competidores, fazendo-os encarar de frente a perspectiva de uma imediata repetição do drama bélico, tanto mais nos aproximaremos dessa última solução, por mais improvável que hoje nos possa parecer”. (KAUTSKY, 2002, p.462 e 463).

Dessa forma, a teoria de Kautsky concebe o imperialismo enquanto “um tipo particular de política” (KAUTSKY, 2002b, p. 471). E além de se caracterizar enquanto uma política específica do capitalismo, dado o seu elemento destrutivo, o imperialismo seria um dispositivo do capitalismo que deveria e que poderia ser superado, caso houvesse a “conscientização” e a união do conjunto das grandes potências capitalistas que detém o poder mundial. O ultraimperialismo proposto por Kautsky configurar-se-ia, então, como uma nova qualidade de monopólio, dessa vez entre estados nacionais, através da unificação do capital financeiro, eliminando, assim a necessidade do uso da corrida armamentista e, conseqüentemente, dos grandes conflitos bélicos.

2.2. O imperialismo como fase superior do capitalismo em Lênin

Em 1916, às vésperas de liderar o Partido Bolchevique na Revolução Russa, Vladimir Ilitch Lênin, escreve sua obra “Imperialismo: fase superior do capitalismo”. No texto em questão, Lênin não pretendia ingressar na tarefa de elaborar uma obra profunda e inovadora sobre o tema, pelo contrário, ele parte da legitimação dos aspectos fundamentais da teoria econômica do imperialismo, já elaborados por Hobson, Hilferding e Bukharin, por exemplo, e exerce sua crítica em alguns elementos específicos nas teses destes autores. Sendo assim, poderíamos dizer que o livro conta com dois objetivos claros: em primeiro lugar, utiliza os dados econômicos e políticos do período, sobretudo na análise da I Grande Guerra, para confirmar a tese marxista do imperialismo. Em segundo lugar, estabelece um debate com Karl Kautsky e uma crítica profunda à tese do ultraimperialismo que, como vimos, concebia o imperialismo enquanto uma política do capitalismo em que, dado o perigo bélico, deveria ser combatida através da constituição de um supra-estado, formado pela união das potências capitalistas.

Porém, se a teoria do imperialismo de Lênin não abriga inovações teóricas profundas, qual seria o aspecto que elevaria sua excepcionalidade? Por que, passado 100 anos de sua obra, ainda a utilizamos como um importante aporte à compreensão do capitalismo na contemporaneidade? A resposta dessa indagação foi proferida por Gyorgy Lukács, na sua obra “*Lênin, um Estudo Sobre a Unidade de seu Pensamento*” (2012), onde pronuncia que

De um modo aparentemente paradoxal, a concepção leniniana de imperialismo é, por um lado, uma importante realização teórica e contém, por outro, muito pouco de verdadeiramente novo, se observada como pura teoria econômica. Em muitos sentidos, ela se baseia em Hilferding e não demonstra, vista em termos puramente econômicos, a profundidade e a grandeza da continuidade da teoria marxiana da reprodução, realizada por Rosa Luxemburgo. A superioridade de Lênin consiste, e esta é uma proeza teórica em igual, em sua articulação concreta da teoria econômica do imperialismo com todas as questões políticas do presente, transformando a economia da nova fase num fio condutor para todas as ações concretas na conjuntura que se configurava então. (2012, p. 61)

A proeza teórica de Lênin, como frisou Lukács, refere-se à capacidade de iluminar, a partir da teoria econômica do imperialismo, a elaboração de uma caracterização acerca dos problemas sociais e políticos da época, que não podiam ser reduzidos à restrição da esfera econômica. Ao dar início a sua obra, Lênin resgata o elemento da concentração da produção e do capital e o surgimento dos monopólios no capitalismo. O desenvolvimento da indústria que possibilitou a concentração e acumulação de capital e a constituição de empresas cada vez maiores levariam ao nascimento de grandes grupos capitalistas que tenderiam ao domínio do mercado. Estes monopólios, na medida em que se desenvolvessem e se intensificassem cessariam com a livre concorrência. Portanto, seriam o surgimento e domínio dos monopólios, e o papel que estes desempenham na sociedade capitalista, um dos principais elementos do imperialismo.

No entanto, outro fenômeno que explica e caracteriza a fase do capitalismo que resulta no imperialismo é a fusão do capital industrial com o capital bancário gerando o capital financeiro. Lênin entende que as instituições bancárias foram imprescindíveis na constituição dos monopólios. A partir da função na intermediação dos processos financeiros, os bancos se encontravam numa condição confortável durante o processo produtivo, condição que, logo após, possibilitou a subordinação do capital industrial ao capital bancário, gerando o capital financeiro. Lênin analisa esse processo da seguinte forma:

A função fundamental e inicial dos bancos é a de intermediários nos pagamentos. Realizando-a eles convertem o capital-dinheiro inativo em capital ativo, isto é, em capital criador de lucro, e reunindo toda as diversas espécies de rendimentos em dinheiro, coloca-os à disposição da classe capitalista. À medida que vão aumentando as operações bancárias e se concentram num número reduzido de estabelecimentos, estes convertem-se, de modestos intermediários que eram antes, em monopolistas onipotentes, que dispõem de quase todo o capital-dinheiro do conjunto dos capitalistas e pequenos empresários, bem como da maior parte dos meios de produção e das fontes de matérias-primas de um ou de muitos países. Esta transformação de uma massa de modestos intermediários num punhado de monopolistas constitui um dos processos fundamentais da transformação do capitalismo em imperialismo [...] (Lênin, 2011, p.138).

A grande quantidade de capital/dinheiro em posse dos bancos, transforma a relação do capital bancário. Os bancos passam de meros auxiliares nos processos financeiros, para agente determinante do destino do mercado. A posse do capital-dinheiro era possível, pois a função originária dos bancos consistia em organizar e as transações monetárias e garantir os pagamentos. Transformava o capital inativo e capital ativo gerador de lucro, através dos financiamentos através de empréstimos aos empresários. Dessa forma,

a concentração do capital e o aumento do movimento dos bancos modificam radicalmente o papel e a importância desempenhado pelos bancos. Os capitalistas dispersos acabam por constituir um capitalista coletivo. Ao movimentar contas-correntes de vários capitalistas, o banco realiza, aparentemente, uma operação puramente técnica, unicamente auxiliar. Mas quando esta operação cresce até atingir proporções gigantescas, resulta que um punhado de monopolistas subordina as operações comerciais e industriais de toda a sociedade capitalista, colocando-se em condições - por meio das suas relações bancárias, das contas-correntes e de outras operações financeiras -, primeiro de conhecer com exatidão a situação dos diferentes capitalistas, depois de controlá-los, exercer influência sobre eles mediante a ampliação ou a restrição do crédito, facilitando-o ou dificultando-o, e, finalmente, de decidir inteiramente sobre o seu destino, determinar a sua rentabilidade, privá-los de capital ou permitir-lhes aumentá-lo rapidamente e em proporções enormes, etc.(LENIN, 2011, p.144.)

Como observado, os grandes conglomerados bancários, resultantes da concentração de capital, limitam o número de bancos e aumentam a influência do capital financeiro, já que com vasto poderio conseguiam capturar um conjunto de informações acerca de todo o mercado. Essa condição permitia que definissem onde e como seria aplicado o capital, intervindo diretamente no processo econômico da sociedade. Dessa forma, como afirma Lênin, “o século XX marca, pois, o ponto de viragem do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro (2011, p.159). Além da emergência dos monopólios e do domínio do capital financeiro, Lênin destaca mais dois elementos característicos da fase superior do capitalismo. São eles: a exportação de capitais e a partilha do território global entre as potências capitalistas. Lenin explica que:

[...] o capital financeiro manifesta a tendência geral para se apoderar das maiores extensões possíveis de território, seja ele qual for, encontre-se onde se encontrar, por qualquer meio, pensando nas fontes possíveis de matérias-primas e temendo ficar para trás na luta furiosa para alcançar as últimas parcelas do mundo ainda não repartidas ou por conseguir uma nova partilha das já repartidas. (LENIN, 2011, p.211).

Da mesma forma que no capitalismo concorrencial havia a luta pelos novos mercados, no capitalismo monopolista a disputa se dá por territórios para investimento de capital excedente. Este movimento retroalimenta a competição entre as nações que pleiteiam a conquista de cada vez mais regiões. Assim, nações detentoras da maior quantidade de capital excedente tendem a anexar a maior quantidade de regiões. Criam-se, dessa forma, as grandes potências imperialistas que disputam e repartem o território mundial. Por fim, a concepção leniniana de imperialismo é sintetizada a partir de cinco elementos característicos fundamentais. São eles:

1) a concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse "capital financeiro" da oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particularmente grande; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que partilham o mundo entre si, e 5) o termo da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes."(LENIN, 2011, p. 218)

A partir do desenvolvimento dos monopólios e do capital financeiro, vê-se o início do fenômeno da exportação de capitais que, por sua vez, concorreu para as disputas de partilha do mundo pelas grandes potências imperialistas. Com estes traços fundamentais do imperialismo, diferentemente de Kautsky, Vladimir Ilitch Lênin conceitua o imperialismo como sendo uma nova e superior fase do capitalismo.

2.3. A crítica leninista ao ultraimperialismo de Kautsky

Lênin se opunha diametralmente à tese do ultraimperialismo de Kautsky. Defendia que o imperialismo não poderia ser uma política, pois, era condição vital e inerente ao desenvolvimento do capitalismo moderno. Além disso, defendia que o imperialismo era, na verdade, a fase superior do capitalismo. Sobre a caracterização do imperialismo para Lênin, Arruda comenta que:

O Imperialismo evolui associando: o desenvolvimento do capitalismo à gênese do capitalismo monopolista; a gênese do capitalismo monopolista à dominação de uma oligarquia financeira e ao aparecimento de uma aristocracia operária; as leis de movimento do capitalismo monopolista ao aparecimento do imperialismo como padrão de relacionamento que preside a economia mundial; a caracterização do imperialismo como regime de transição à formação das bases objetivas para a construção do socialismo; o zênite do mundo burguês ao avanço da barbárie; a impossibilidade de reformar o imperialismo à revolução socialista como única alternativa que pode barrar o avanço da barbárie capitalista. É esta linha de raciocínio [...] que levou Lênin à conclusão de que o acirramento das contradições e dos antagonismos do capitalismo tendia a polarizar a luta de classes entre revolução e contrarrevolução (2011, p.38).

Vale destacar que, quando Lênin denominou o imperialismo enquanto “fase superior”, ele não queria assim dizer que o imperialismo seria a última fase do capital. Na verdade, significa dizer que o imperialismo seria a última etapa progressista em que as forças produtivas poderiam ser desenvolvidas no capitalismo, portanto, o modo de produção chegaria ao seu estágio de maior contradição, onde seu desenvolvimento significava necessariamente o amadurecimento para sua superação. Ou seja, os elementos que fundam o capitalismo moderno, sob o domínio hostil do capital financeiro, são os mesmos que engendram a contradição do modo de produção capitalista e que fornece as condições objetivas para superá-lo.

Ao contrário dos teóricos marxistas que identificavam o fim do capitalismo com o seu desmoronamento econômico, provocado pela tendência decrescente da taxa de lucro, na teoria do imperialismo de Lênin a agonia do capitalismo não decorre de sua inviabilidade econômica, mas, paradoxalmente, exatamente de seu oposto: a impossibilidade de impor limites à reprodução ampliada do capital e atenuar seus efeitos perversos sobre a sociedade. A degeneração do capitalismo é o resultado de seu desenvolvimento. A necessidade de

sua superação é determinada por sua inviabilidade política. Os métodos violentos e predatórios do capital financeiro levam os antagonismos sociais a tal ponto que as tensões e os conflitos que daí decorrem tendem a comprometer as bases sociais e políticas de sustentação da sociedade burguesa. Nos países capitalistas desenvolvidos, a supremacia do capital financeiro vem acompanhada da deterioração das condições de vida da grande maioria da população. (Arruda, 2011, p.47)

Como exposto anteriormente, o ultraimperialismo de Kautsky seria uma necessidade do capital, dada a possibilidade destrutiva do imperialismo e se configuraria como a política de unidade das grandes potências imperialistas, a partir da unificação do capital financeiro. Esta grande aliança teria o objetivo de descartar os conflitos bélicos e promover o pacifismo entre as nações. A crítica de Lênin à proposta de Kautsky é contundente, posto que, para Lênin (2011), a definição de Kautsky, além de ser equivocada e de não ter base de fundamentação na teoria marxiana, serve de base a todo um sistema de concepções que rompem em toda a linha com a teoria e a prática marxistas, de caráter críticos ao sistema capitalista em sua fase imperialista.

A crítica teórica do imperialismo que Kautsky faz não tem nada de comum com o marxismo; apenas serve como ponto de partida para preconizar a paz e a unidade com os oportunistas e os sociais-chauvinistas, porque deixa de lado e oculta precisamente as contradições mais profundas e fundamentais do imperialismo: as contradições entre os monopólios e a livre concorrência que existe paralelamente a eles, entre as 'operações' gigantescas (e os lucros gigantescos) do capital financeiro e o comércio – honesto - no mercado livre, entre os cartéis e trustes, por um lado, e a indústria não cartelizada por outro, etc. Tem absolutamente o mesmo caráter reacionário a famosa teoria do 'ultraimperialismo' inventada por Kautsky. (...) verdadeiro sentido social da sua 'teoria' é um e só um: a consolação arquireacionária das massas com a esperança na possibilidade de uma paz permanente sob o capitalismo, desviando a atenção das agudas contradições e dos agudos problemas da atualidade, passa a dirigir para as falsas perspectivas de um pretenso novo – o ultraimperialismo - futuro. Para além do engano das massas, a teoria 'marxista' de Kautsky nada mais contém. (LENIN, 2011, p. 255, 256)

Torna-se importante o esclarecedor comentário que Fontes (2008) faz acerca das diferenças cruciais entre o pensamento de Karl Kautsky e Vladimir

Lênin, observando as dimensões de suas teorias e o método pelo qual investigaram o imperialismo.

A diferença mais expressiva entre Lenin e Kautsky reside no fato de que este último analisa a expansão capitalista de um ponto de vista estritamente econômico, considerando existir uma permanente escassez de terras e de bens agrários para o capital industrial. O imperialismo, para ele, seria sobretudo o impulso industrial a ocupar terras. Por esta razão, aborda o imperialismo como uma forma política, recoberta eventualmente de cunho militar, que poderia ser transitório. [...] A concepção de Lênin é distinta. Para ele, o imperialismo não poderia ser reduzido a um único aspecto, econômico ou político, mas remetia ao conjunto da vida social, uma vez que expressava uma nova dimensão na própria dinâmica capitalista. (FONTES, 2008, p.81.)

Como fora exposto, as teorias do imperialismo defendidas por Karl Kautsky e Vladimir Lênin se opõem por diversos motivos. Enquanto Kautsky concebia o imperialismo enquanto uma política do capital financeiro, Lênin o entendia enquanto uma fase intrínseca ao desenvolvimento do capitalismo dos monopólios em todas as dimensões da sociabilidade capitalista. Para Lênin, o imperialismo não poderia ser solucionado a não ser pela própria superação do modo de produção capitalista. Por outro lado, seguindo a concepção kaustkyana de ultraimperialismo, seria necessário superar o imperialismo através da união entre as grandes potências que dominam o território global, a fim de garantir a paz.

3. CONCLUSÃO

Observamos que, para Kautsky, o imperialismo teria um ímpeto aos conflitos bélicos e isto se configuraria como um perigo a humanidade, dessa forma necessitava, então, ser superado. Como alternativa ao imperialismo, Kautsky propunha sua teoria do ultraimperialismo. A proposta de Kautsky consistia em construir um consenso entre as potências mundiais, a fim de alcançar a convivência pacífica entre as nações.

A teoria de Kautsky foi fortemente contestada por Vladimir Ilitch Lênin. Para este teórico e revolucionário russo, a saída proposta por Kautsky caracterizava-se como reformista, pois concebia a possibilidade de ajustar o capitalismo, eliminando somente a política imperialista. A tese leniniana afirmava que esta reforma não seria possível, visto que, o imperialismo já representa fase superior do capitalismo moderno, a qual não há possibilidade de sua superação e saída humanamente progressiva. Para Lênin, a única alternativa progressiva ao imperialismo seria a superação do próprio modo de produção capitalista, via revolução e a construção do socialismo.

Nos dias atuais, tanto a proposição de Lênin quanto a de Kautsky, seguem sendo objetos de calorosos debates. Diferentes teóricos em diversas partes do mundo discutem a validade destas teorias a fim de obter a melhor caracterização do imperialismo e, por conseguinte, conferir uma melhor apreensão sobre a dinâmica do capitalismo global na contemporaneidade, tendo como referência a ação das principais potências capitalistas mundiais e o impacto dessas ações nos países periféricos e em todo o mundo. Entendemos, enfim, que ambas as teorias seguem vivas e merecem atenção necessária, tanto em seus acertos quanto em seus equívocos e/ou limites. No entanto, acreditamos que seja preciso ir além posto que, após um século desde a publicação das obras discutidas aqui, muitas transformações ocorreram e continuam a ocorrer na sociedade capitalista. A intensificação da mundialização do capital, a sua crise estrutural e o agravamento das expressões da questão social evidenciam as profundas contradições do modo de produção capitalista e os desafios para a classe trabalhadora no contexto de internacionalização da luta de classes. É dever da ciência contemporânea estar atenta a elas para buscar a síntese do presente tempo histórico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marisa Silva. **Teorias do Imperialismo e da Dependência: a atualização necessária ante a financeirização do capitalismo.** Tese (Doutorado Economia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/oBWD4Q>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

ARRUDA, Plínio. Por que Voltar a Lênin? Imperialismo, Barbárie e revolução. Apresentação. In: LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo**. Campinas: Unicamp, 2011.

FONTES, Virginia. Comentário: Kautsky e o Imperialismo. **Revista História e Luta de Classes**, n. 6, nov. 2008.

KAUTSKY, Karl. O imperialismo". In: TEIXEIRA, Aloísio (Org.). **Utópicos, Heréticos e Malditos**. Rio de Janeiro: Record, 2002a.

KAUTSKY, Karl. Dois Artigos para uma Revisão". In: TEIXEIRA, Aloísio (org). **Utópicos, Heréticos e Malditos**. Rio de Janeiro: Record, 2002b.

LENIN, V. I. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**: ensaio popular. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LUKÁCS, Gyorgy. **Lenin, Um Estudo Sobre a Unidade de seu Pensamento**. São Paulo. Boitempo, 2012.